

Imagens, sons e experimentações da vida metropolitana (2005/2006)

Fundamentos e histórico da exploração imagética

A análise privilegiada neste estudo reconhece a centralidade de dois vetores de caráter macro na caracterização das culturas juvenis brasileiras: as paisagens audiovisuais e as experimentações da vida metropolitana. Estes elementos que nos orientaram em termos conceituais e nos serviram de importante referência na constituição de marcos e ferramentas metodológicas, dialogaram efetivamente com os resultados que, passo a passo, eram obtidos nas diferentes etapas de pesquisa, sendo, portanto, provenientes tanto de levantamentos bibliográficos, quanto da coleta de dados documentais. Em sentido complementar, e não menos relevante, eles advêm das próprias narrativas juvenis levantadas e também se identificam desde os diferentes recursos de cunho etnográfico que utilizamos na abordagem de setores juvenis na cidade de São Paulo.

Ao iniciar esta pesquisa, especialmente quando nos preparávamos para os primeiros trabalhos de campo e, posteriormente, para a análise dos dados dali resultantes, já pressupunhamos que refletir sobre as *concepções de vida e morte*, que compõem o imaginário e demarcam o modo de ser e viver dos jovens urbanos, implicaria em voltar nossos olhos para as práticas de visibilidade e para as diferentes linguagens e dinâmicas comunicacionais que envolviam o cotidiano destes meninos e meninas.

Por motivos como este, a pesquisa iconográfica foi tornando-se cada vez mais presente e relevante durante o desenvolvimento da investigação. Assim, durante a aplicação das entrevistas em profundidade passamos a fotografar os entrevistados, buscando compor um conjunto de imagens que caracterizassem a amostra e que pudessem ser alvo de estudos cruzados de base qualitativa.

Também havíamos percebido, durante o exaustivo processo de tabulação dos dados obtidos através dos questionários, a confirmação do papel articulador desempenhado pelas imagens na cognição juvenil. Era notável, ao tratar esta plêiade narrativa, a presença recorrente e o caráter estruturante – oferecendo explicações e explicitando visões de mundo preciosas – que se podia aferir desde as listagens (quantitativas e qualitativas) de programas de TV assistidos, de filmes mais cultuados, de revistas ou CDs de preferência. Ambos nos ofereciam uma iconografia e uma cartografia subjetiva rica em símbolos, valores e idéias, partilhados e individuais, que compunham com incrível potência o imaginário juvenil. Deste modo, além dos registros fotográficos, saímos em busca de dezenas de imagens gráficas que nos oferecessem alguma materialidade dialógica com as narrativas juvenis coletadas, sendo reveladoras de suas práticas, hábitos e dinâmicas de consumo cultural. O levantamento iconográfico realizado a partir destas referências considerou, em termos de seu aporte conceitual, o consumo cultural como ponto de partida para compor um conjunto de imagens que refletissem tanto as materialidades comunicativas que compunham suas vidas, quanto o museu imagético que mobiliava, simbolicamente, o imaginário dos entrevistados.

Inseridos numa cultura na qual a visibilidade ocupa lugar cada vez mais importante na constituição dos processos cognitivos e identitários, confirmamos ainda que a corporalidade vai, principalmente, expressar e suprir as necessidades de inclusão, pertencimento e diferenciação que envolvem, por exemplo, as inseguranças da entrada na vida adulta. O corpo do jovem, de modo geral, carrega as principais chaves simbólicas que eles criaram e que reconhecem como próprias. Estas marcas e códigos compõem um dos elementos centrais do processo de segmentação que caracteriza a diversificação das culturas juvenis.

O registro fotográfico dos objetos pessoais que os entrevistados carregavam consigo no momento da conversa com os pesquisadores tentou mapear, por um lado, os elementos que ajudam a compor o estilo de vida de cada um e, por outro, buscou identificar os objetos que esses novos *nômades contemporâneos* carregam consigo durante o transcorrer do dia. São mochilas, carteiras, bolsas, chaves, óculos e telefones, entre outros, que auxiliam a delimitar o universo do consumo simbólico (García Canclini, 1995; Featherstone, 1995) destes jovens. São objetos que compõem marcas identitárias; através deles é possível lermos os valores, desejos, projeções e identificações deste imaginário juvenil.

Ampliando o escopo de investigação: os bancos imagéticos

Na etapa que se desenvolveria a partir de 2005, havíamos concluído que, não apenas as específicas acepções sobre a vida e a morte, mas, de modo ampliado, inúmeras concepções juvenis sobre variados aspectos de sua inserção na contemporaneidade implicavam, de per si, em narrativas fronteiriças, tecidas muitas vezes na reapropriação de discursos e formas da cultura massiva e valendo-se, cada vez mais, tanto de recursos de auto-produção, quanto relacionadas à construção de audiovisualidades próprias.

Assim, assumiu-se na investigação, em 2005/2006, uma ênfase na percepção do juvenil que fosse capaz de incorporar as nossas reflexões um estudo detalhado de imagens e sonoridades e, posteriormente, que articulasse os resultados anteriormente obtidos ao investimento no esclarecimento das dimensões da urbanidade que se evidenciavam como marcadores identitários fortes do modo como os jovens percebiam a si mesmos e aos outros.

No primeiro caso, das audiovisualidades, partia-se de uma constatação. Tinha sido notável, desde as primeiras pesquisas de campo, a forte remissão nas narrativas juvenis a imagens (visuais, auditivas etc.) e a representações (de sentimentos, vivências etc.). Também nos chamava a atenção a larga e relevante presença em seus locais de encontro e circulação de uma profusão de mídias segmentadas e/ou alternativas. Interessava-nos, ainda, organizar, para posterior interpretação, as diferentes construções visuais manifestadas, desde seus corpos, por jovens observados, incluindo a utilização de adereços, o vestuário, as marcas corporais e a gestualidade.

Como recurso de organização e análise dos dados coletados e como ampliação das conclusões advindas da etapa anterior da pesquisa, investiu-se na montagem de quatro *bancos imagéticos* que respondiam a uma questão: do que falam as imagens que consomem, criam e imaginam os jovens

investigados? Destes bancos de dados, três eram estritamente iconográficos. Os *bancos iconográficos* continham, respectivamente: 1) *registros fotográficos* realizados em campo (via etnográfica e entrevista em profundidade); 2) *documentos iconográficos* obtidos em campo (via etnográfica); e 3) *imagens midiáticas* referentes a práticas de consumo cultural dos jovens entrevistados (tendo por base os questionários estruturados).

Para dar conta das representações imaginárias, das imagens imaginadas e das imagens através das quais respondiam a perguntas ou questionamentos elaborados em situações de campo, realizamos a organização e montagem de um *banco de recorrências narrativas*, composto dos seguintes arquivos: 1) *arquivo-base* contendo trechos das narrativas agrupados por entrevistado e classificados segundo os temas e sub-temas da investigação; 2) *arquivo de representações imagéticas* selecionadas por remissão às três temáticas da pesquisa; e 3) *arquivo de agrupamento* por variáveis – faixa etária (15-17 ou 18-24), zona da cidade (sul ou oeste) e gênero (masculino ou feminino); e 4) *arquivo de associação* entre as recorrências de representações imagéticas e a síntese crítica de tematizações relevantes para o estudo (vida e morte, cidade, corpo, objetos e mercadorias e práticas e hábitos).

Chegou-se, ao final deste processo, aos arquivos de mais fácil aplicação no que diz respeito ao cruzamento com outros dados obtidos ao longo da pesquisa. Trata-se de dois *arquivos de cruzamentos* dos quais constam, respectivamente: 1) tabelas específicas para as variáveis faixas etárias (15-17 ou 18-24), zona da cidade (sul ou oeste) e gênero (masculino ou feminino); e 2) tabelas específicas de associação entre as recorrências de representações imagéticas e síntese crítica de tematizações relevantes para o estudo, quais sejam: vida e morte, cidade, corpo, objetos e mercadorias e práticas e hábitos.

Os *bancos de recorrências narrativas*, resultados originais desta etapa de pesquisa, prestam-se, sinteticamente, a duas aplicações analíticas. Permitem, inicialmente, uma leitura, em si, da produção imaginária associada às recorrências de representações imagéticas coletadas. Considera-se, portanto, que deles se extraem dois grandes “mapas” ou cartografias. A primeira cartografia é constituída por extratos das narrativas juvenis, referendados, de modo muito específico, em representações imagéticas sintéticas por eles feitas das temáticas centrais abordadas na pesquisa. A segunda cartografia, elaborada a partir de um tratamento analítico-conceitual da primeira, consiste da identificação, via extratos das representações imagéticas, de associações referentes aos extratos imaginários a elas concernentes.

A vez das sonoridades

Inicialmente o trabalho com as sonoridades apontava para a construção de um “Banco de Textos ‘Letras de Música’” cujo principal intuito era o de mapear estilos musicais juvenis e trabalhá-lo em consonância com a metodologia dos “Bancos de Imagens”. Com o desenvolver do processo, foi sinalizada a elaboração de uma proposta metodológica – em conjunto com a equipe de pesquisa – para levantamento e estudo das recorrências musicais (músicas e afins: CDS, letras, cantores, grupos, bandas) surgidas nas entrevistas em profundidade, nos questionários estruturados e nas etnografias. Conforme os

primeiros procedimentos foram adotados para sua realização, constatamos que mais do que um “Banco de Textos ‘Letras de Música’” seria necessário ampliarmos a discussão sobre as músicas no universo juvenil para uma reflexão sobre a sonoridade no universo jovem. Configurou-se, dessa maneira, a intenção de construir um “Banco Sonoro” com o intuito de abarcar de forma mais ampla as possibilidades de análise da pesquisa, proporcionando assim, para além das músicas, um universo mais abrangente para investigar os significados que a escuta pode suscitar.

Recorrer aos sons para revelar os significados das imagens mentais é problematizar sobre o contexto sócio-cultural em que estes sons estão inseridos. Assim, discutir o papel da sonoridade na vida dos jovens urbanos é discutir as características da sociedade contemporânea. A cidade – urbis paulistana –, a violência, o consumo, as mídias, as novas mídias digitais etc., são componentes importantes no universo empírico da pesquisa sobre as culturas juvenis. Por isso o conceito de *paisagem sonora* (Schaffer, 1991), é de grande relevância para estudarmos o papel do universo sônico no cotidiano dos jovens. A *paisagem sonora diz respeito a todo o universo sonoro a nossa volta e a importância deste conceito está em dar atenção e compreender/sentir os sons do cotidiano*. Schaffer (1991) parte do pressuposto de que a música é composta pelos elementos sonoros do entorno. Porém, a *paisagem sonora*, segundo este autor, é composta por sons desejáveis e indesejáveis, isto é, sinais e ruídos. Neste sentido, os sons indesejáveis, os ruídos, precisam ser eliminados de uma *paisagem sonora* que se queira saudável. Por isso, o autor fala do ouvido pensante, o ouvido que sabe selecionar - dentre os sons da *paisagem sonora* - os sons patológicos dos sons saudáveis.

O conceito de *paisagem sonora* contribuiu de maneira significativa no universo da pesquisa sobre jovens urbanos à medida que dá margem para que o pesquisador possa olhar/escutar as narrativas juvenis e o universo que os envolve com novas perspectivas. Estudar a *paisagem sonora* dos jovens urbanos mostra-se como uma investigação relevante na medida em que esta, na sociedade contemporânea, faz parte do cotidiano destes meninos e meninas. As transformações que ocorrem na *paisagem sonora* atual interferem e/ou podem ser apropriadas por estes jovens urbanos. Formata-se assim, no interior da urbis moderna uma íntima relação entre os jovens e os sons.

Como já foi dito na introdução do desenvolvimento do “Banco Sonoro”, partíamos da idéia de construir um banco imagético que remetesse ao universo musical dos jovens urbanos. Também intuimos que as músicas, estilos musicais, cantores, bandas etc., não responderiam, por si só, às demandas do universo simbólico musical que permeia o cotidiano desses meninos e meninas. Assim, por exemplo, sabíamos que analisar interpretativamente as letras de música, ou as preferências musicais citadas pelos jovens, não abrangeriam a totalidade epistemológica da pesquisa sobre culturas juvenis.

A partir daí encaminhou-se as leituras das entrevistas em profundidade, com esse novo foco, buscando assim, recorrências sonoras nas narrativas juvenis. Concomitantemente a isso, buscavam-se critérios para a organização dos respectivos trechos das narrativas. É bom frisar que nas entrevistas em

profundidade não foram feitas questões específicas à respeito da *paisagem sonora urbana* – já que esta não era uma preocupação a priori da pesquisa – salvo perguntas particulares em relação à importância ou não da música na vida do jovem entrevistado.

Tendo em mente as referências dos bancos imagéticos, além da busca pelas paisagens sonoras nas narrativas juvenis, iniciamos um processo de classificação que sinalizasse as particularidades de cada ambiente sônico localizados nos trechos das entrevistas em profundidade. Daí, de acordo com a leitura sistemática das entrevistas, verificou que podíamos estabelecer como critério para organização dos trechos das narrativas, as seguintes variantes, a saber: *Sons explícitos específicos; Sons explícitos genéricos; Sons implícitos.*

Assim, os sons *explícitos específicos*, remetem aos trechos que demonstrem, de maneira clara e objetiva, uma situação de escuta nas narrativas juvenis, como por exemplo, "rock", "Cazuza", "Legião Urbana", "samba". Os *sons explícitos genéricos*, também demarcam uma situação explícita de escuta, porém não se especifica a natureza da paisagem sonora, tais como: "balada", "festa", "ouvir uma musiquinha". Finalmente os *sons implícitos* se referem a uma *paisagem sonora*, amparada nas subjetividades dos jovens em relação ao mundo que os rodeia, mas sem que eles falem claramente sobre esta escuta ou mesmo que se dêem conta dela. Entre elas: "andar de ônibus", "ver televisão", "ir ao cinema", "assistir TV", "em minha rua há muito barulho".

Porém, mais do que serem permeados por esses sons, estes jovens são produtos e produtores dessa *paisagem sonora* na qual estão envolvidos. Por isso, além de ouvir sons, eles os fazem, seja participando das bandas do colégio, cantando ou tocando um instrumento para os amigos, montando um cd para um colega ou experimentando e criando novos sons por meios das mídias digitais.

Por meio do processo de seleção dos trechos das narrativas juvenis que se referiam à sonoridade, notou-se também que os jovens urbanos possuem uma relação, por vezes ambíguas, com o universo sônico de seu cotidiano. Assim, surgiram desde narrativas que revelam que pertencer ao mundo é fazer deste ambiente sonoro até àqueles que demonstraram uma forte repugnância pela paisagem sonora urbana. Vale dizer que não foram feitas perguntas à respeito da *paisagem sonora urbana* – a medida que esta não era uma preocupação da pesquisa originalmente – salvo perguntas específicas em relação à importância ou não da música na vida do jovem entrevistado.

Também notamos uma forte articulação entre a *paisagem sonora* e as temáticas da pesquisa, já que os sons, em suas especificidades contextuais, podem revelar desde situações de consumo, como a própria experimentação da violência e as concepções de vida e morte dos jovens urbanos. Por isso, por exemplo, nas práticas de sociabilidades juvenis, é marcante o consumo por CDs, camisetas de ídolos da música, shows, festas, baladas etc. Da mesma forma, dadas paisagens sonoras, explícitas ou implícitas, revelam o cotidiano violento das cidades contemporâneas. O jornalismo sensacionalista, o som de tiros, as brigas, as músicas com temas do cotidiano violento, por exemplo, fazem parte do universo sônico imaginário dos jovens. Além disso, não

podemos deixar de lembrar que os sons no universo juvenil são passíveis das mais diversas interpretações em suas narrativas. Neste sentido, um mesmo ídolo musical ou determinada música pode representar tanto a vida quanto à morte para estes jovens urbanos.

A experimentação da urbanidade

Percebeu-se como fundamental, ao longo da pesquisa, demarcar conceitualmente os modos de viver e de ser destes jovens em um grande centro urbano, ancorando-se no cruzamento de dados obtidos a partir de diferentes instrumentos de coleta. Ganharia destaque, neste caso, o mapeamento de sua vivência da urbanidade e, igualmente, o rastreamento das representações que dela fazem. As tessituras urbanas foram concretamente identificadas às formas por meio das quais jovens brasileiros elaboram narrativas de si e dos outros.

É desde esta urbanidade que vislumbram suas possibilidades presentes e futuras e também com ela se constroem mecanismos de afirmação de suas subjetividades. O devir urbano aparece associado a vivências paradoxais. Ora tomado como abstração, ora lido em suas literais materialidades, articula um quadro referencial importante na atuação juvenil. São Paulo, especificamente, aparece associada a declarações de amor e ódio, ambos irrestritos. Circulando pela cidade, por necessidade laboral ou prazer hedônico, os meninos e meninas estudados expressam uma consciência bastante fina das implicações de viverem nesta metrópole. Medo e possibilidades. Fluxo e inércia. Acesso e exclusão. O lugar simbólico da “metrópole que não pode parar” é por eles assumido, embora esta afirmação não signifique a adesão acrítica a este lugar.

As paisagens urbanas, como se pode imaginar, são os espaços macro sociais que oferecem suporte às já citadas paisagens imagéticas e sonoras. Objeto de vários artigos publicados pela equipe desta pesquisa, os resultados deste eixo de investigação seria retomado, como se verá a seguir, na investigação das novas politicidades juvenis, e, não por acaso, são eles também norteadores significativos no foco que se assumiria, a seguir: as ações de base estético-cultural.

Bibliografia

FEATHERSTONE, Mike (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.

GARCÍA CANCLINI, Nestor (1995). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ.

SCHAFFER, Murray (1991). “A nova paisagem sonora”. In: *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, p. 119-205.